

A interposição do patriarcado no real do feminino: por um empretecimento psicanalítico

Ronald de Oliveira e Jairo Carioca

Resumo

O texto explora a relação entre psicanálise, feminismo e questões socioculturais contemporâneas no Brasil, destacando a influência do patriarcado e do falocentrismo nas mulheres e na dinâmica social mais ampla. O objetivo é demonstrar que o falocentrismo, uma estrutura patriarcal que coloca o falo como símbolo central de poder e identidade, continua a moldar e a limitar as experiências e a subjetividade das mulheres. Apesar das inovações propostas por Lacan, como a noção de Sinthoma, o texto argumenta que a psicanálise enfrenta dificuldades em compreender e abordar as complexidades das dinâmicas sociais contemporâneas. No Brasil, o fundamentalismo religioso e o neoliberalismo exacerbam a violência contra as mulheres e sua internalização como uma característica inevitável da vida feminina. A necessidade de escutas que articulem o Sinthoma com a periferia, o que podemos chamar de “escutas *periphéricas*”, que valorizem as experiências marginalizadas, é destacada como um caminho para redefinir e desconstruir a função paterna tradicional e oferecer novas formas de suporte. O texto critica a psicanálise por sua aparente falta de capacidade para ouvir e responder às vozes dos marginalizados e defende a necessidade de uma abordagem que vá além dos escritos de Freud e Lacan, sem prescindir deles, integrando a complexidade das experiências sociais e culturais atuais.

Palavras-chave:

Feminino; Feminismos; Periferia; Psicanálise.

The interposition of patriarchy in the real of the feminine: towards a black psychoanalytical

Abstract

The text explores the relationship between psychoanalysis, feminism, and contemporary sociocultural issues in Brazil, highlighting the influence of patriarchy and phallogentrism on women and broader social dynamics. The objective is to

demonstrate that phallocentrism, a patriarchal structure that places the phallus as the central symbol of power and identity, continues to shape and limit women's experiences and subjectivity. Despite Lacan's innovations, such as the notion of the Sinthome, the text argues that psychoanalysis faces challenges in understanding and addressing the complexities of contemporary social dynamics. In Brazil, religious fundamentalism and neoliberalism exacerbate violence against women and reinforce its internalization as an unavoidable feature of female life. The need for a listening approach that articulates the Sinthome with the periphery, what we may call "*peripheral* listening," which values marginalized experiences, is highlighted as a pathway to redefining and deconstructing the traditional paternal function and offering new forms of support. The text critiques psychoanalysis for its apparent inability to hear and respond to the voices of the marginalized and advocates for an approach that goes beyond Freud's and Lacan's writings — without dismissing them — in order to integrate the complexity of current social and cultural experiences.

Keywords:

Feminine; Feminisms; Periphery; Psychoanalysis.

La interposición del patriarcado en lo real del femenino: por una psicoanálisis afrodescendiente

Resumen

El texto explora la relación entre el psicoanálisis, el feminismo y las cuestiones socioculturales contemporáneas en Brasil, destacando la influencia del patriarcado y del falocentrismo en las mujeres y en las dinámicas sociales en general. El objetivo es demostrar que el falocentrismo, una estructura patriarcal que coloca el falo como símbolo central de poder e identidad, sigue moldeando y limitando las experiencias y la subjetividad de las mujeres. A pesar de las innovaciones propuestas por Lacan, como la noción de Sinthome, el texto argumenta que el psicoanálisis enfrenta dificultades para comprender y abordar las complejidades de las dinámicas sociales contemporáneas. En Brasil, el fundamentalismo religioso y el neoliberalismo exacerbaban la violencia contra las mujeres y refuerzan su internalización como una característica inevitable de la vida femenina. La necesidad de enfoques de escucha que articulen el Sinthome con la periferia — lo que podríamos llamar "*escuchas periféricas*", que valoran las experiencias marginalizadas — se destaca como un camino para redefinir y deconstruir la función paterna tradicional y ofrecer nuevas formas de apoyo. El texto critica al psicoanálisis por su aparente incapacidad de escuchar y responder a las voces de los marginados y

defiende la necesidad de un enfoque que vaya más allá de los escritos de Freud y Lacan sin prescindir de ellos, integrando la complejidad de las experiencias sociales y culturales actuales.

Palabras clave:

Femenino; Feminismos; Periferia; Psicoanálisis.

L'interposition du patriarcat dans le réel du féminin : pour une psychanalyse afrocentrée

Résumé

Le texte explore la relation entre psychanalyse, féminisme et questions socioculturelles contemporaines au Brésil, en soulignant l'influence du patriarcat et du phallocentrisme sur les femmes et les dynamiques sociales en général. L'objectif est de démontrer que le phallocentrisme, une structure patriarcale qui place le phallus comme symbole central de pouvoir et d'identité, continue de modeler et de limiter les expériences et la subjectivité des femmes. Malgré les innovations proposées par Lacan, comme la notion de Sinthome, le texte soutient que la psychanalyse éprouve des difficultés à comprendre et à aborder les complexités des dynamiques sociales contemporaines. Au Brésil, le fondamentalisme religieux et le néolibéralisme exacerbent la violence contre les femmes et renforcent son intériorisation comme une caractéristique inévitable de la vie féminine. Le besoin d'approches d'écoute qui articulent le Sinthome avec la périphérie — ce que l'on pourrait appeler des « écoutes *périphériques* », qui valorisent les expériences marginalisées — est mis en avant comme une voie pour redéfinir et déconstruire la fonction paternelle traditionnelle et proposer de nouvelles formes de soutien. Le texte critique la psychanalyse pour son incapacité apparente à entendre et à répondre aux voix des marginalisés et défend la nécessité d'une approche qui dépasse les écrits de Freud et Lacan sans pour autant les exclure, afin d'intégrer la complexité des expériences sociales et culturelles actuelles.

Mots-clés :

Féminin ; Féminismes ; Périphérie ; Psychanalyse.

Introdução

Aos 9 anos de idade, Sybille e seu irmão Thibaut foram passear no Jardim de Aclimação da avenida Maurice Barres, Neuilly-sur-Seine (Roudinesco, 2016, p. 192). Ao voltarem à casa, viram um carro estacionado diante de uma passagem

de pedestres. Eles haviam reconhecido pelo para-brisa o pai sentado ao volante. No banco de trás, estava uma mulher (Silvy) com uma menininha (Judith, filha de Lacan). Aproximaram-se, gritando: “Papai! Papai!”. Lacan, surpreendido, desviou os olhos, como se nada tivesse visto. Deu partida no carro e desapareceu no meio do trânsito (Roudinesco, 2016, pp. 191-192).

Quarenta e cinco anos mais tarde, em 1994, Sibylle ainda lembrava daquela cena com seu pai, Silvy e sua meia-irmã, Judith. Ela escreveu o seguinte: “Quando eu nasci, meu pai não estava mais conosco. Até poderia dizer que, quando fui concebida, ele já estava em outro lugar. Sou o fruto do desespero. Alguns dirão que sou fruto do desejo, mas não creio nisso” (Lacan, 1994, p. 23). Em ambos os relatos, há angústia de quatro mulheres relacionadas com um mesmo homem: duas delas foram esposas; e as outras duas, filhas. Durante vários anos, mesmo após o término da guerra, os filhos do primeiro casamento não tinham conhecimento da existência do pai, que vivia com outra mulher.

Além disso, estavam completamente alheios à existência da meia-irmã Judith, filha de Silvy. Ela nasceu oito meses depois de Sybille, em 3 de julho de 1941, mas foi registrada com o sobrenome de Bataille. Sibylle só soube da vida dupla do pai muito mais tarde, quando, por ocasião dos preparativos do casamento de sua irmã caçula, Lacan e Malou decidiram pôr fim ao reinado do fingimento (Roudinesco, 2016, p. 150). Assim, Judith só poderia usar o nome do pai em 1964, aos 23 anos de idade. Essa impossibilidade de passar o sobrenome seria uma das influências inconscientes na formação do conceito lacaniano de Nome-do-Pai (Roudinesco, 2016, p. 175). Mais tarde, Judith se casou com Jacques-Alain Miller, genro de Lacan e encarregado da organização de suas obras.

Lacan contribuiu para esse jogo de silêncio e conformidade com os padrões patriarcais franceses burgueses. Foi um sedutor excêntrico, que, até tarde em sua vida, quando já usava sua peruca ruiva “hirsuta” e as roupas mais extravagantes, continuava seduzindo novas conquistas (Roudinesco, 2016, p. 268).

Anos após a morte de seu pai, Sibylle escreveu um livro, que não é um romance, ou seja, não há detalhes inventados ou narrativas para estender o texto. Em seu subtítulo, a autora colocou objetivamente que suas anotações não seguem um ordenamento cronológico, mas são recortadas e jogadas para o leitor, assim como acontece em nossas memórias. Alguns raros momentos de encontro com seu pai, quando saíam para jantar, a sensação era descrita como “um pai intermitente, a conta-gotas” (Lacan, 1994, p. 34).

Uma cena marcará para sempre sua memória: viu seu pai dançando com a meia-irmã Judith, “toda amável e perfeita”, “como dois namorados”, e “eu, toda estabanada e torta”, abandonada em um canto. Sibylle caiu adoecida por “um esgotamento geral, zero desejo, zero prazer, uma perturbação medonha”. Com a

esperança de que seu pai, o brilhante psicanalista, pudesse ajudá-la, a filha aguarda ansiosamente a consulta. Da janela, ela avista o pai, atrasado, saindo de um puteiro (Lacan, 1994, p. 34).

Angústia como único afeto que não mente

O que estamos apresentando aqui não é somente um relato de uma filha forcluída pelo pai de caráter egoico, prodigioso e agiota de Lacan, mas uma narrativa necessária e combativa contra a psicose. “Quando nasci, meu pai já não estava mais lá”, dizia ela em seu livro, em uma privação sem limites. O relato íntimo dos sintomas de Sybille revelou aquilo que Lacan escolheu ser para ela: um especialista somente em sintomas dos filhos dos outros. Esse é o retrato isolante de tudo aquilo que o honrou como profissional de influência e renome mundial. “Talvez seja também um livro com propósito curativo.”

Tudo isso pode exemplificar como o patriarcado opera. Embora Lacan tenha sido fundamental para a prática clínica e tenha oferecido ferramentas importantes para a análise, não se desvincilhou de seu contexto social e cultural, que permeia a própria subjetividade. Sua vivência o limitou a um comportamento alinhado com o padrão patriarcal de sua época. Assim, ao explorar conceitos lacanianos, nós não nos propomos justificar ou reproduzir esse contexto, mas desdobrar a potência das ideias de Lacan para além de sua conduta pessoal. Nesse sentido, é como se a própria teoria psicanalítica permitisse certo distanciamento crítico da postura de seu autor, abrindo espaço mais amplo, capaz de romper tanto as normas de gênero quanto os limites culturais implícitos.

Entretanto, tal abordagem nos coloca em um paradoxo. Se, de um lado, a teoria psicanalítica se afasta de seu lugar de produção em nome da transformação pelo confronto com a contemporaneidade, corre-se o risco de endossar práticas opressivas de seu próprio lugar de produção. De outro lado, aproximar em demasia pode invalidar a teoria psicanalítica, alegando-a apenas como produto de seu tempo e já ultrapassada. Para solucionar esse paradoxo, optamos por construir uma visão em que o discurso psicanalítico dialoga com as práticas e os valores contemporâneos, sem necessariamente superar as limitações de seus autores, mas, sim, ampliando uma ética do desejo que nos permita uma crítica mais sofisticada com as transformações de nossa sociedade. Afinal, pensadores que revolucionaram nossa relação com o mundo, ao formularem os conceitos fundamentais da psicanálise, de Freud a Lacan e além, são avaliados pelos valores do presente justamente porque, em seu tempo, já ousaram transgredir as convenções de seu contexto. Essa abordagem reconhece as falhas desses autores, sem anular a força transformadora de suas ideias. Ressaltamos que o legado de suas teorias reside em seu potencial atual de expansão, enquanto nos incita a repensar, reinterpretar

o desejo e as estruturas sociais de forma contínua, incluindo uma postura crítica em relação a qualquer analista de seu tempo, inclusive o nosso.

Quando expressamos a necessidade de que uma análise dialogue com a cultura, estamos enfatizando a importância de uma abordagem psicanalítica que não ignore as mudanças sutis e as complexidades que ocorrem nos campos da opressão, sendo o capitalismo um deles. É o sistema racista e capitalista que estabelece hierarquias entre os sujeitos, categorizando-os em grupos como ricos *versus* pobres, aqueles que têm bens *versus* os que não têm, reproduzindo essa lógica também pelo viés patriarcal. Verticaliza os relacionamentos e gera narrativas de submissão, como no exemplo do relacionamento de Lacan e Sybille.

A realidade brasileira, por sua carga histórica de autoritarismo colonial e patriarcalismo misógino, assemelha-se, na hierarquização de afetos praticada, a esse exemplo de Lacan. O acréscimo está justamente no racismo impetrado durante séculos no inconsciente colonial pelos europeus. Nesse longo período de racialização histórica, os homens brancos heterossexuais são considerados superiores aos homens brancos não heterossexuais. Todos os homens brancos são tidos como superiores aos homens negros, que, por sua vez, são considerados superiores às mulheres, mesmo que brancas. Apesar disso, encontraremos nos dados do *Anuário de segurança pública* de 2023 violências impetradas contra o homem negro que solidariza com as violências contra as mulheres negras. Isso se explica pelo tormento psíquico infringido aos homens por conta do esmagamento do ego pelo patriarcado e na condição de pobreza (Patrício, 2023). Chamamos de “esmagamento do ego” uma experiência psíquica intensa, em que a sensação de pertencimento é reduzida, diluída ou até mesmo suspensa. Esse conceito não é técnico em psicanálise, mas se aproxima de situações em que o ego enfrenta uma sobrecarga ou ruptura emocional, cognitiva ou, até mesmo, existencial. Esse “esmagamento” pode ocorrer em episódios de angústia extrema, colapso emocional, traumas e crises existenciais. Quando a estrutura do ego é “esmagada”, há uma perda da sensação de coesão do eu, deixando a pessoa vulnerável, desorientada e, muitas vezes, com percepção fragmentada da realidade. Esse esmagamento do ego, resultante de sobrecarga psíquica imposta pelas hierarquias coloniais e patriarcais, contribui para a perpetuação da violência e da opressão, afetando intensamente tanto os homens quanto as mulheres negras e outras minorias.

A análise dos dados de violência evidencia que o patriarcado e as condições de desigualdade econômica agem como forças que amplificam o tormento psíquico e destroem o senso de pertencimento, especialmente entre os homens negros, que vivenciam um duplo impacto dessa hierarquização de afetos. Esse processo de esmagamento do ego se torna um ciclo, que reforça a vulnerabilidade social dos indivíduos, perpetuando o sofrimento psíquico, especialmente entre aqueles historicamente desvalorizados na estrutura social brasileira.

Onde faltam palavras, a barbárie se torna soberana. De acordo com a psicanalista Lélia González, o lugar em que se situam o sexismo e o racismo determina a constituição “sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” e que, por sua vez, produz efeitos violentos sobre o feminino, inclusive “sobre a mulher negra em particular” (González, 1984, pp. 223-244).

A única categoria que experimenta um completo e absoluto abandono são as mulheres negras. O significante “negras” utilizado aqui remete à condição de um processo impositivo pelo qual passaram certos corpos e subjetividades de forma histórica, social e política, incluindo as indígenas, como marcador racial. Não nos referimos simplesmente à cor da pele, mas a uma construção de identificações impostas pelo colonialismo e pelo racismo, em que “negro” toma o lugar de subalternidade, marginalização e desumanização, embora haja especificidades dentro de cada contexto (Mbembe, 2018). Logo, representa o estado de ser constantemente posicionado em uma zona de exclusão, precariedade e opressão dentro da hierarquia racial. Esse processo histórico e simbólico criou o “Negro” como uma figura que encarna a alteridade radical, projetada como “outro” e como objeto, em vez de sujeito.

Quanto mais escura a pele, maior é a vivência desse abandono nos afetos. A não hierarquização dos afetos só se torna possível em uma masculinidade que escape às amarras da lógica do patriarcado, do racismo e do capitalismo, implicando a responsabilização masculina em relação aos afetos. Na sociedade brasileira, a falta de consciência em relação aos afetos, como traições, mentiras, agressões psicológicas e verbais, e outros comportamentos frequentemente levam à sua normalização, com a sociedade tolerando essas condutas sob a justificativa do comportamento masculino. Curiosamente, a única mulher que muitos desses homens respeitam e por quem demonstram afeto é sua mãe — desrespeitá-la é considerado afronta grave desde a infância. Quando um indivíduo, identificado como homem, trai suas parceiras afetivas, transa com suas analisantes, demonstra falta de afeto por seus amigos, recusa-se a prestar assistência a outros homens baseando-se unicamente em critérios de gênero e expõe mulheres com o intuito de difamá-las, está manifestando ódio ao feminino e inseminando-a.

Esse comportamento revela ausência de recursos psíquicos para assumir a responsabilidade por suas emoções, tornando-se um exemplo notório de masculinidade alinhada ao capital e ao racismo. A socialização dos homens frequentemente os coage a reprimir sentimentos, buscando distanciar-se da associação cultural com as mulheres, perpetuando, assim, atitudes sexistas.

Nesse cenário, é importante notar que os homens foram socialmente ensinados a assimilar a ideia de que manifestar emoções, como tristeza, vergonha ou medo, é culturalmente inaceitável, frequentemente vinculado a estereótipos depreciativos.

tivos, que incluem a concepção negativa de ser “coisa de mulher”. Como resultado, em contextos sociais, especialmente nas interações face a face, os homens frequentemente adotam uma postura deliberada, para projetar uma imagem de indivíduos emocionalmente resilientes e autoconfiantes. A consequente adoção de estratégias pelo modelo predominante de identidade de gênero envolve corpos masculinos desempenhando papéis tipicamente associados ao gênero feminino. É uma maneira de mascarar a violência intrínseca ao mundo real, que se origina da imposição compulsória da heterossexualidade (Butler, 2016, p. 52).

Impulsionados inconscientemente pela masculinidade hegemônica, que propõe uma regulação cultural das emoções e dos afetos, inclusive no âmbito familiar, os homens praticam uma performance relacionada com o desempenho que é socialmente aceitável e validado pelo sistema capitalista. Reparar os danos causados pela figura do homem na lógica fálica dominante é uma das propostas mais razoáveis que limitam o gozo do Outro. No entanto, é essencial reconhecer que não podemos eliminar completamente o gozo fálico, pois é justamente por meio dele que acessamos o gozo não inteiramente fálico, em um movimento contínuo e cíclico, como uma fita de Möebius. Lacan mostrou que a paixão pelo gozo fálico pode ser tanto trágica quanto cômica, destacando a necessidade de desconstruir o mito do masculino. Atravessar a fantasia significa ultrapassar esse ideal de virilidade dominante, permitindo um uso mais flexível do falo, além das aparências.

Em seu último ensino, Lacan propõe que o falo não é apenas um significante da falta, mas também um semblante. Isso é crucial para pensarmos o feminino e suas complexidades. O falo como objeto móvel, relacionado com o vazio e mobilizado pela pulsão de maneira contingente, é uma ideia central para qualquer análise. É essa travessia que possibilita a qualquer sujeito aprender a lidar com o amor, pois o falo como semblante é o que nos permite essa compreensão.

No entanto, o masculino entronizado em nossa cultura está ligado ao universal e se apoia na recusa do feminino. Nossa cultura, ancorada em um modelo universal de virilidade, trata a feminilidade como uma experiência de horror e degradação. Daí resultam o rebaixamento do feminino e os feminicídios.

Nossa cultura, ao identificar uma anatomia específica desde o nascimento, rapidamente interpreta e lê esse corpo segundo normas. O feminino permite mostrar que a satisfação pode ou não passar pelo falo, como veremos mais adiante. No feminino, não há uma hierarquia do falo, uma fixidez, ou um roteiro rígido do fantasma. A partir de uma posição feminina, o falo pode circular na contingência e jogar com as posições de ser ou ter.

É importante destacar que se abrir para o feminino não implica perder o gozo fálico, mas, sim, fazer dele um uso menos rígido e mais móvel. A grande contribuição de Lacan foi mostrar que toda partilha do sexo é apoiada em uma grande mentira, um mito: o de que os homens têm o falo. Essa é a denúncia insistente

da histérica, que Lacan localizou e formalizou nas tábuas da sexuação. Não por acaso, Lacan elevou a histeria à dignidade de discurso.

Sem dúvida, uma análise pode permitir um arranjo, uma escrita do corpo que inclua o feminino, o não todo, o fora do padrão universal, pois a fundação do universal é sempre violenta. Isso nos leva à pergunta: que outros destinos e derivas podemos inventar fora do paradigma do universal de nossa época? A prática clínica lacaniana conseguiu trazer elementos que nos permitem pensar uma prática clínica para além do patriarcado, mas não foi suficiente para que o próprio Lacan escapasse a ele, como vimos na introdução deste texto. Isso significa dizer que há um empuxo à masculinidade patriarcal como transmissão na teoria lacaniana, empuxo esse criticado pelo conceito de *justiça amorosa*, elaborado por John Stoltenberg (1994), em que, ao priorizar a masculinidade em detrimento da justiça, o homem inevitavelmente compromete a qualidade de seus relacionamentos com as mulheres. Para Stoltenberg, viver de forma ética e consciente implica que o homem escolha colocar as pessoas que ama acima das pressões sociais relacionadas com a masculinidade, evitando que o julgamento de outros homens defina seu valor e suas ações. Esse compromisso pessoal com a justiça e o respeito é essencial para desenvolver relacionamentos genuínos e saudáveis.

Assim, entendemos que um homem só consegue amar uma mulher somente em igualdade relacional de gênero. Para isso, ele teria que renunciar o amor à sua própria masculinidade patriarcal que alimenta sua performance diante de outros homens. Assim, seria possível inventar dispositivos totalmente fora do paradigma do universal em nossa época.

O feminino é um dos muitos nomes possíveis para essa exploração. Fazer-se sujeito implica um assujeitamento na fantasia, uma posição de objeto na fantasia. No discurso vigente, para “se fazer homem”, é preciso um corpo todo, sem furo; caso contrário, o sujeito é humilhado ou degradado, um verdadeiro embaraço.

Estamos assistindo ao declínio de uma modalidade do viril, patriarcal, mas estamos diante de outras injunções desse “viril”, que se encontram com a vertente do mais-ainda, e parece que em direção ao pior. Basta observar na política o aumento dos regimes de extrema direita, das bancadas evangélicas pentecostais e das guerras.

Nossa travessia implica desconstruir esse modelo de virilidade e entender o falo como um semblante, o que abre espaço para uma experiência do feminino que não seja de horror, mas de reconhecimento e valorização. Isso nos permite reparar os danos causados pela lógica fálica e construir um futuro em que o feminino seja totalizado. Atentemos também para o fato de o supereu feminino conduzir qualquer sujeito pelo engodo do masculino. É a fantasia feminina exemplificada pelo mito do masculino por meio da figura de Don Juan: um corpo que não fosse atravessado pelo heteros, pela alteridade.

Vale destacar que os protótipos da hegemonia masculina que estão na transmissão dos significantes fundantes da psicanálise até hoje são brancos, cis, homens europeus. São avatares equivocados do se fazer homem nessa perspectiva, porque colocam um Eu ideal muito distante e impossível de ser alcançado pelos excluídos. É preciso, então, deslocalizar esse gozo fálico dos semblantes e descentralizar o órgão, rompendo com a ordem social. A correspondência entre as expectativas estereotipadas associadas à masculinidade hegemônica e a performance encenada contribui para a perpetuação de uma ordem social. Conforme delineado por Pierre Bourdieu (2012), “a ordem social opera como uma imensa máquina simbólica que perpetua a dominação masculina”.

Nos últimos anos, desde o *impeachment* da primeira mulher eleita democraticamente em nosso país, Dilma Rousseff, cujo verdadeiro motivo foi a falta de apoio político, sem alegações de crimes cometidos, como apontado por um ministro do Supremo Tribunal Federal em um artigo publicado na revista *Cebri* (Barroso, 2022), testemunhamos um aumento exponencial da violência contra as mulheres no Brasil. Esse evento culminou na eleição de Jair Bolsonaro, representante da extrema direita e das forças conservadoras e fundamentalistas.

De acordo com o *Anuário de segurança pública*, apenas em 2022 1.400 brasileiras foram assassinadas simplesmente por serem mulheres. Paralelamente, houve aumento alarmante de 251% nas denúncias de discurso de ódio contra mulheres na internet. Essa tendência de violência não diminuiu no primeiro semestre de 2023. Os casos de estupro e estupro de vulnerável registraram um crescimento vertiginoso, atingindo 34 mil casos nesse período. Isso significa que a cada oito minutos, entre janeiro e junho de 2023, uma menina ou mulher foi estuprada no Brasil, marcando o maior índice desde o início da série histórica em 2019.

Entretanto, com toda essa máquina operando, será que há uma solução? Se atualizarmos e adaptarmos o texto *Totem e tabu*, de Freud, sobre o assassinato do pai, o fim da horda tirânica e a instauração da lei, veremos que essas reflexões serão muito intrigantes com relação à cultura brasileira, com sua carga histórica de patriarcalismo e inconsciente colonial. A questão do Nome-do-pai, a discussão contemporânea sobre a queda do falocentrismo e a pluralidade dos Nomes-do-pai também adicionam camadas complexas e agravam a análise, já que se trata de estruturas patriarcais que deverão ser debitadas na formação do analista, na clínica e na supervisão. A pluralidade dos Nomes-do-pai sugere a possibilidade de desafiar a singularidade e a rigidez associadas ao patriarcado tradicional historicamente promovido na sociedade brasileira.

A ideia do “não todo” como o horizonte de uma sociedade não submissa pode ser a saída do patriarcado? A ideia do “não todo” não oferece uma possibilidade de saída do patriarcado. Isso acontece porque, em sua formulação, o conceito sugere uma construção que questiona a universalidade masculina, mas que abre espa-

ço apenas para determinada multiplicidade de expressões subjetivas, encontrada apenas em países com histórico colonizador. Algo que pode se articular com os movimentos identitários e feministas de espaços restritos. Esses movimentos, ao proporem certa diversidade de existências, desafiam a lógica de um sistema fechado e hegemônico, mas não totalizam o feminino e, portanto, a diferença.

Gerda Lerner (2019) aponta que o patriarcado, historicamente, operou por concessões estratégicas, que garantiram sua própria continuidade. Exemplo disso é a inclusão de mulheres brancas em determinados espaços de poder, uma “abertura” controlada, que não desestabiliza o sistema, mas fortalece suas bases, ao fragmentar e dividir o corpo feminino. Esse feminismo, que estamos chamando de branco-burguês, representa uma perspectiva de não totalização da diferença, restrita a um grupo específico, que pode manter privilégios e criar uma suposta saída, ao reproduzir a lógica patriarcal.

Julia Kristeva (2000) nos mostra que o patriarcado se mantém por meio de uma ilusão fálica. Em sociedades que foram historicamente moldadas pela colonização e pela escravidão, como o Brasil, o patriarcado utiliza instituições como a família, a escola, a religião e a legislação para perpetuar uma hierarquia racial, na qual as mulheres negras ocupam posições subalternas. Esse sistema se aproveita dessa divisão para conceder privilégios às mulheres brancas, fazendo parecerem conquistas feministas. Assim, essas concessões minam movimentos de resistência que integram gênero, raça e classe em sua luta. Dessa forma, o patriarcado não apenas preserva sua própria estrutura, mas também fragmenta a solidariedade entre as mulheres, particularmente as negras, enfraquecendo o potencial de confronto de um sistema opressor e hierárquico. Diante disso, propomos uma completa desilusão fálica.

Quando Lacan disse seu famoso aforisma “a mulher não existe”, significa que ela não tem lugar no universo do discurso ocidental, porque quem comanda nesse universo é o falo, o ideal do viril! No texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan (1998a) diz que o sujeito está condenado a contar como um, isto é, sujeito e objeto ao mesmo tempo. Assim, esses efeitos resultam na “lei férrea” quanto menor os valores oriundos do Ideal do Eu, maior a incidência do supereu, em sua vertente mais feroz e infinitizada do mais-ainda. A lei de ferro oriunda do mandamento “goza” tomou de fato a cena, na medida em que as pessoas demandam uma ancora! Isso cria condições de demanda de algo que diga o que deve ser feito; assim, o aumento dos líderes populistas e religiosos responde a essa demanda. Em uma época sem pa(i)drão, são múltiplos os pa(i)drões, ou nenhum. Logo, a lei de ferro, com essas injunções do supereu, supriu as ausências das referências paternas.

Por outro lado, pensamos na possibilidade de imaginar uma sociedade em que as estruturas não se baseiem em totalizações que subjugam determinados grupos. A relação entre o patriarcalismo e o modelo “ideal” de todo racismo é uma consideração profunda, levantando a questão de como essas estruturas se entrelaçam nos três

registros, Real, Simbólico e Imaginário, e se reforçam mutuamente, abrindo espaço para explorar como diferentes formas de opressão estão interconectadas e como desafiar uma pode impactar positivamente a subversão de outras.

Mas um psicanalista pode estar lendo este texto e pensando que os Nomes-do-pai não fazem a diferença na sociedade brasileira com relação às discussões do falocentrismo e ao feminino do tempo atual, já que em seus últimos seminários Lacan retira o Pai, o falo, a função paterna e o Édipo, para começar a elaborar o Sinthome. Entretanto, ele não desconstrói a clínica anterior, mas amplia as possibilidades de tratamento na clínica. É um aprimoramento a partir da experiência, isto é, as dinâmicas culturais. Dois percursos demonstram tanto a atualização quanto o repensar desses conceitos lacanianos na cultura brasileira atual: o Édipo e o falo.

O papel da mãe a que Lacan se referiu é o desejo da mãe como “um grande crocodilo”, mas isso não significa que ela vai devorar a criança e por causa disso precisará de uma função paterna que a impeça. Lacan continua no seguinte: “Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em *potência*, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama *falo*. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha” (Lacan, 1992, p. 118, grifo nosso). Aqui, repensa-se para a cultura brasileira do tempo presente o “falo”, que é aquilo que está no lugar da falta, ou seja, em POTÊNCIA no desejo da mãe. Isso significa dizer que o significante não carrega (nem imaginariamente) o suporte do pênis-pai-homem-viril.

Para reforçar essa ideia, utilizemos o nó borromeano. Lacan manuseou o nó como operador lógico da estrutura do *falasser* — R (real), S (simbólico) e I (imaginário) como as três dimensões que o habitam. Essas dimensões se amarram por meio de um quarto elo de nominação simbólica, imaginária e real, que são as possibilidades de localização do gozo por meio de seu enodamento (Lacan, 1974-1975). A nominação simbólica é o quarto elo que articula o Sinthome. A topologia dos nós não é uma elucubração teórica, mas como uma demonstração do real da clínica que permite ao analista avançar nos casos aquém ou além do Édipo ou do Nome-do-Pai, em uma aposta de que o quarto elo do nó possa ser uma invenção singular de cada sujeito recolhida da cultura.

Assim, o Sinthome, trabalhado por Lacan no caso de James Joyce, abriu a possibilidade de um campo muito promissor na clínica contemporânea, ou seja, é o enlace que nos leva a compreender uma lei (barramento) na qual o *falasser* se amarra na “ordem de ferro”, isto é, em que o pai não funciona. É esse significante *periphérico* que se inscreve, fornecendo contornos e reinvenções que, não necessariamente, mobilizam o emaranhado da trama patriarcal.

O significante *periphérico* é a fusão de dois termos: o significante periferia e o conceito laciano Sinthome. O primeiro não se refere apenas à geografia, mas é uma metonímia para os “não ditos” da clínica, destacando-se como um lugar privi-

legiado para se confrontarem os silenciamentos que persistem na sociedade brasileira. Já o conceito de “sinthome”, desenvolvido por Lacan no *Seminário 23*, tem papel central nessa discussão. Em sua análise na obra de James Joyce, Lacan destacou a diferença entre “sintoma” (patológico) e “sinthome”, esse último servindo como um elo integrador entre os registros simbólico, real e imaginário, e não como um fenômeno patológico. Nesse sentido, o sinthome é um recurso que permite ao sujeito confrontar a falta no Outro, tornando-se um elemento de significação pessoal que transcende a queixa mórbida inicial. Neste texto, o termo *periphéria* é um lugar que representa tanto marginalização quanto potência de criação.

Assim, dizemos neste texto que as escutas *periphéricas* são o quarto elo da nomenclatura masculina, sem o pênis, que vem reparar o lapso do nó, possibilitando escutas *periphéricas* na sociologia das ausências. Isso é demonstrado quando, na *Síntese de indicadores sociais*, de 2021, as mulheres pretas ganharam destaque na força em potencial de trabalho feminino, com 13,9%, ao passo que, para os homens pretos, tal percentual atingiu 0,8% em 2020 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2021, p. 37). Mulheres pretas se aproximam mais em condições dos homens pretos do que das mulheres brancas. Logo, elas exercem função tripla: emprego, afazeres domésticos e cuidados com os filhos, diante da falência total do Nome-do-pai.

Assim, diversos arranjos e configurações familiares se instauraram, criando barramentos nas posições fetiches (perversão) para a função materna, inclusive produzindo uma abertura para que essa mulher ainda deseje um pai, um protetor e um homem. Há, portanto, uma RENOMIAÇÃO, por meio das escutas *periphéricas*, a serem feitas dentro dos quadros sociais contemporâneos na cultura brasileira, reparando o lapso do nó. Chamamos de RENOMINAÇÃO o pedaço do Real que se permite renomear, cindindo o Real do gozo sem declinar o que o Nome-do-pai articula com inibição, sintoma e angústia para o sujeito.

Pensamos que as instituições que historicamente eram sustentadas pela figura “fálica” encontram-se agora desacreditadas, despojadas de sua insigne. O lapso do nó dessas entidades, que eram outrora guardiãs da ordem de ferro, desencadeou uma crise que se estende até mesmo ao próprio conceito da “função paterna”. Se o fálico, como arquiteto e sustentáculo dessas instituições, falhou em sua incumbência, então o próprio nome pelo qual a função era chamada também perdeu sua integridade.

Nesse vácuo de significado, emerge a necessidade imperativa de transportar para as palavras aquilo que a função efetivamente realiza. Essa transformação intrínseca extrapola a conexão direta com a figura paterna, adentrando um território no qual as palavras tornam-se a argamassa que molda as novas configurações da função. Já não se trata simplesmente de preservar o “pai”, “édipo”, “fálico”, ou

de buscar novas formas de encobri-lo; trata-se, antes, da tarefa de reconceituar a função para além das limitações impostas por uma estrutura patriarcal que, agora, se revela com fôlego e fissurada.

Nesse contexto, pensamos que a via das escutas *periphéricas* emerge como um caminho fecundo. É necessário buscar novas expressões, novas palavras, que capturem a essência da função desvinculada do significante “fálico”. Os termos a seguir são clínicos, como “dororidade”, construído no campo literário pela professora Vilma Piedade (2017), “epistemicídio”, cunhado pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos (2010), e “aquilombamento”, termo sem autoria, mas que reflete um sentido mais amplo de organização coletiva e resistência. “Escrivências”, “mulheridades” e “maternagens” são termos trabalhados por Conceição Evaristo (2015). Todos eles não são meras palavras. São conceitos e tentativas de nomear as reconfigurações do tecido social, de escutar as experiências periféricas e de cor para além das fronteiras do que antes se compreendia como centralidade da função paterna branquicista. É a redefinição da função pelas escutas *periphéricas*.

Lacan (1998b, p. 321) disse que “se deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. Mas nos perguntamos como os analistas podem alcançar esse horizonte, se não vão à polis para atualizar a teoria? O pseudodebate entre aquilo que é a cultura e o que se chama de singularidade, na verdade disfarçada de individualismo, é invenção da modernidade pela via da ideologia liberal do final do século XVIII francês.

A teoria, na modernidade, tem um empuxo à morte, porque pode facilmente engancha no registro do imaginário e colocar o simbólico no lugar do Real. Se algo no campo da teoria foi recalcado, isso significa que a formação de compromisso tamponou um aspecto da realidade. Foi isso o que Freud aprendeu com o mestre Charcot, quando um aluno dele, educado nas mais altas tradições da fisiologia e filosofia acadêmica alemã, dizia: “Isso não pode ser verdade, porque contradiz a teoria de Young-Helmholtz.” Freud assistiu assombrado à resposta de seu mestre: “*la théorie, c’est bonne, mais ça n’empêche pas d’exister*” — “a teoria é boa, mas isso não impede que os fatos existam” (Freud, 1893/1980; Nacht, 1954).

Os sujeitos são constituídos pela cultura, e não o contrário. Assim, pensamos que tanto Freud quanto Lacan são necessários, porém insuficientes. Há de se considerar o inconsciente colonial como histórico e político, promovendo desconexões das experiências que envolvem afetos e corpo. Não se pode ter renúncia pulsional dentro de condições precárias, subjugadas e negadas detalhadamente, em que foi construída a sociedade brasileira. Se nesse lugar há sugestão de racismo reverso, então lamentamos enunciar um enviesamento da clínica. Na verdade, trata-se de produzir uma fúria obsessiva lançada no registro da pulsão de morte, produzindo um saber criacionista e forcluindo o próprio racismo misógino reverso. Quem des-

considera a importância política da luta anticolonialista e educadora, que sustenta um semblante que não se opõe ao discurso verdadeiro do falasser, considera então que o amor não tem função de semblante (Izcovich, 2015, pp. 21-28).

A orientação de Lacan a seus analisantes para que não o imitassem, mas para que buscassem seu próprio estilo, ressoa como um convite à inovação e à expansão do campo psicanalítico. A relação de poder que se manifesta nos meandros estruturais da sociedade brasileira, particularmente em relação aos corpos negros trans, emerge como escutas *periphéricas*. Esses corpos ocupam uma posição vulnerável e, muitas vezes, são os alvos mais fáceis de violência na sociedade brasileira.

Já no caso específico de mulheridades, essa palavra traz uma função efetiva. Para entendermos sua significância, nós a confrontaremos com a ideia de sua própria desvalorização, porque acaba por internalizar a violência como uma faceta inextricável de sua existência. No contexto brasileiro e na produção cultural de sua história, flertamos com uma modalidade religiosa específica, que tem suas raízes no fundamentalismo capitalista, estruturado no patriarcado falocrático, a saber: o protestante/evangélico.

No Brasil, a questão confessional, segundo Schilling (2006, pp. 116-137), seria o ato ou o efeito de disciplinar. Essa disciplinarização religiosa estaria ligada diretamente à internalização pelos ritos das normas e dos comportamentos cristãos, que contribuiriam para a formação dos Estados nacionais ou confeririam caráter dinâmico ao espaço urbano com base no avanço do capitalismo.

Nessa perspectiva, as mulheres são doutrinadas a tolerar agressões como parte de um processo espiritual, no qual a preservação do ideal de família é o objetivo fundamental. Resistir, assim, é percebido como vencer o mal, tornando-se submissa e perpetuando o ciclo de violência com subjetividades destroçadas. Agravando a situação, encontramos a ausência de apoio familiar, a escassez de recursos financeiros, a carência de suporte psicológico e a manipulação do agressor, que insiste em se apresentar como um favor, ao permanecer ao lado da mulher. Esses elementos resultam em feridas emocionais abertas ou de difícil cicatrização.

Nos últimos anos, no Brasil, tem sido objeto de ampla discussão o conceito de “fim da família”, uma ideia que espelha as tensões trazidas pelo neoliberalismo diante das conquistas de liberdades pelas mulheres em seus processos de emancipação. A legalização do casamento homoafetivo, consagrado como constitucional e regulamentado pelo Supremo Tribunal Federal desde 2011, gerou um considerável pânico moral na sociedade. Quando abordamos temas como capitalismo, patriarcado e racismo, é crucial entendê-los não como opressões isoladas, mas como sistemas entrelaçados e coexistentes. A desigualdade envolve agentes específicos: aqueles que perpetram e se beneficiam dessa desigualdade, e aqueles que, como sujeitos políticos, sofrem suas consequências.

No entanto, se a psicanálise, em seus primórdios, foi uma narrativa centrada na família e teve papel fundamental na desconstrução da antiga ordem social, ao promover a emancipação de mulheres, crianças e homossexuais (Roudinesco, 2019) — embora não sem gerar angústia, representando uma ferida narcísica para o pensamento ocidental —, por que hoje ela parece incapaz de ouvir os marginalizados? Quem terá a coragem de escutar o Sujeito Suposto Suspeito? Um corpo que pode ser caçado e morto, como evidenciam os dados desde 2007 do *Anuário brasileiro de segurança pública*, por parceiros, ex-parceiros/namorados ou membros da família das vítimas. O laço marcado pelo ódio revela um gozo exterminador e expõe o óbvio: que a sociedade brasileira se construiu sobre a eliminação, a subjugação do outro e o esvaziamento do diferente — inicialmente dos indígenas e, posteriormente, dos negros escravizados (Guerra, 2022).

Em *Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa (2001) desbrava os horizontes da prosa literária contemporânea para conferir voz e profundidade a um tema que, embora efêmero em tempos atuais, ressoa eternamente: a narrativa dos jagunços. Nessa saga, emerge uma figura central, que encapsula a ambivalência do feminino de maneira única e intrigante — Diadorim, um jagunço que se traveste em uma dualidade habilmente elaborada, encarnando simultaneamente a santidade e a demônia. Diadorim desafia categorizações tradicionais de gênero, ora se apresentando com uma feminilidade delicada, ora exibindo uma masculinidade robusta, surpreendendo Riobaldo, ao despertar nele um desejo insuspeitado, resultado de sua aura magnética e de sua ousadia além dos limites estabelecidos. É Diadorim, ou melhor, Reinaldo, ou ainda Maria, quem desafia os confins do universo de Riobaldo, ao lançar o desafio inquietante: “Carece de ter coragem”.

O desafio é que a clínica psicanalítica brasileira encontre em *Grande sertão: veredas* a transcendência para além da mera narrativa, que incita profundas reflexões sobre a luta feminista e evidencia os discursos e comportamentos machistas que permeiam a sociedade. Diadorim personifica uma força transcendental que não se conforma com limites, navegando destemidamente pelas fronteiras do desconhecido. Enquanto as mulheres não compreenderem plenamente a importância das batalhas por igualdade política e social, o falocentrismo continuará ceifando vidas, perpetuando uma ideologia letal que tolhe a liberdade e o florescimento de todas. Essa concepção centrada no falo é pernicioso, impedindo que qualquer mulher alcance verdadeira liberdade, enquanto outras permanecem aprisionadas pela opressão.

Referências bibliográficas

- Barroso, L. R. (2022). A democracia sob pressão: o que está acontecendo no mundo e no Brasil. *Cebri Revista*, 1(1), 33-56. Recuperado em 23 de novembro, 2024, de <https://cebri.org/revista/br/artigo/23/a-democracia-sob-pressao-o-que-esta-acontecendo-no-mundo-e-no-brasil>
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (M. H. Kuhner, Trad.) (11a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Dorna, L. B. H., & Muniz, H. P. (2018). Relações sociais de sexo e psicodinâmica do trabalho: a sexuação das defesas no trabalho de care. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 154-160.
- Evaristo, C. (2015). *Olhos d'água*. São Paulo: Pallas.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023). *Anuário brasileiro de segurança pública 2023*. São Paulo. Recuperado em 23 de novembro, 2024, de <https://publicacoes.forumseguranca.org.br>
- Freud, S. (1980). Charcot. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- González, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 223-244.
- Guerra, A. M. C. (2022). *Sujeito suposto suspeito: a transferência psicanalítica no sul global*. São Paulo: N-1 Edições.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Izcovich, L. (2015). Amor: semblantes e sinthoma. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (30), 21-28.
- Kristeva, J. (2000). *Sentido e contrassenso da revolta*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I.* Paris: Association Freudienne Internationale.
- Lacan, J. (1992). *Seminário 17: o avesso da psicanálise* (J.-A. Miller, Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, S. (1994). *Un père*. Paris: Gallimard.
- Lacan, J. (1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 597-649). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998b). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976* (C. Jorge, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Lauretis, T. (1984). *Alice doesn't: feminism, semiotics, cinema*. Bloomington: Indiana University Press.
- Leitão, I. B., & Mendes, F. M. (2018). De que se trata ser freudiano pela psicanálise lacaniana? Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise em Freud e Lacan. *Estilos Clínicos*, 23(2), 381-405.
- Lerner, G. (2019). *A criação do patriarcado*. São Paulo: Cultrix.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições.
- Millett, K. (1969). *Sexual politics*. Nova York: Columbia University Press.
- Molinier, P. (2002). Le continent noir de la féminité : sexualité et/ou travail?. *Cliniques Méditerranéennes*, 66(2), 105-123.
- Nacht, S. (1954). The difficulties of didactic psycho-analysis in relation to therapeutic psycho-analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 35, 1-10.
- Neves, T. I., Dos Santos, A. S., & De Mariz, I. A. S. (2017). A violência e o seu real: Zizek e a psicanálise. *Revista Subjetividade*, 17(1), 45-54.
- Patrício, C. J. (2023). A dor invisível: reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista. *SciELO Preprints*. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7021>
- Piedade, V. (2017). *Dororidade*. Rio de Janeiro: Zélia Duncan.
- Quinet, A. (2006). Sinthoma e estilo. In A. Quinet. *A estranheza da psicanálise: a escola de Lacan e seus analistas* (p. 180). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rosa, J. G. (2001). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Roudinesco, E. (2016). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise* (A. Telles, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, B. de S. (1998). *La globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación*. Bogotá: ILSA/Universidad Nacional de Colombia.
- Santos, B. de S. (2010). *Epistemologias do sul*. São Paulo: Cortez.
- Schilling, H., & Tóth, I. G. (Ed.) (2006). *Religion and cultural exchange in Europe, 1400-1700*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stoltenberg, J. (1994). *The end of manhood: a book for men of conscience*. Nova York: Plume.

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024